



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1372

TEORIA DA HISTÓRIA NO BRASIL: O CASO JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

Cesar Leonardo Van Kan Saad
(UFRGS)

RESUMO: O presente estudo tem como prerrogativa investigar a noção de Teoria da História na obra *Teoria da História do Brasil* (THB) de José Honório Rodrigues, publicada em 1949. Parte-se de uma reflexão sobre o modo como o historiador entendeu e constituiu esta noção e os seus usos, entre significações e empregos que realizou ao longo de seu texto. Por meio de um olhar retrospectivo, o problema se objeta no modo como foi significado, e também em quais os sentidos atribuídos à Teoria da História. *Teoria da História do Brasil* é constituída de forma ensaística como uma baliza para a reflexão epistemológica, tendo como base a história disciplinar. Ademais, constitui-se historicamente em uma narrativa que traz reflexões sobre as concepções teóricas e historiográficas contemporâneas ao autor, bem como, é carregada com indicações das próprias experiências intelectuais do mesmo, ambicionando um projeto sistemático de renovação dos estudos históricos brasileiros. Neste sentido, algumas questões emergem: quais os elementos de legitimação dos enunciados teóricos em THB? De que modo, um projeto de renovação dos estudos históricos no Brasil assenta-se sobre o rol de uma Teoria da História? THB não estaria enunciando uma delimitação de fronteiras na especialização do trabalho historiográfico em vista à formação do historiador como profissional?

Palavras Chaves: Teoria da História; José Honório Rodrigues; História da Historiografia.

O objeto de pesquisa que compõe a comunicação que se segue está centrado em torno da historicidade da noção de *Teoria da História* em José Honório Rodrigues. Tomando como material de análise *Teoria da História do Brasil* (THB) de 1949, tenho a intenção de investigar o significado de *Teoria da História* em sua narrativa.

Francisco Iglesias em *José Honório Rodrigues e a Historiografia Brasileira*, afirma que Rodrigues teria uma posição especial na História da Historiografia Brasileira. Em suas palavras:

[...] primeiro, foi quem mais se dedicou ao tema, no exame da produção de livros de história, a tal ponto de poder-se dizer, sem hesitação, ter sido

quem mais o cultivou e contribuiu para seu desenvolvimento; segundo, como autor de vários livros de história tratando de assuntos, acontecimento ou figuras marcantes da trajetória nacional (IGLÉSIAS,2009, p.169).

José Roberto Amaral Lapa em *A Historiografia Brasileira Contemporânea*, publicação de 1976, aponta para uma “congênita pobreza” da Historiografia Brasileira, identificada quantitativa e qualitativamente. Lapa evidencia esta pobreza bibliográfica com o levantamento de uma bibliografia básica da Historiografia Brasileira, tendo por resultado o montante de 58 títulos (LAPA, 1981, p.208). O que torna interessante o resultado de tal levantamento diz respeito ao nome de José Honório Rodrigues. Dos 58 trabalhos identificados por Lapa, 17 foram escritos pelo autor de *Teoria da História do Brasil*, sendo os demais, elaborados por um conjunto de 32 autores. Outro aspecto interessante do levantamento trata da periodicidade das publicações. Dos 58 trabalhos, 18 foram escritos até 1958, sendo os 40 restantes, escritos a partir de 1960. Sete historiadores estrangeiros foram identificados por Lapa, sendo apenas dois antes de 1959, o que revela, em suas palavras: “que a Historiografia brasileira despertou maior interesse entre os historiadores estrangeiros, também nos últimos 15 anos, particularmente se tomarmos em consideração os trabalhos que estão em elaboração nesse sentido” (LAPA, 1981, p.209).

Uma das considerações possíveis de ser feita sobre os números apresentados por Lapa diz respeito à progressão da historiografia brasileira e dos estudos historiográficos após os anos de 1960, ficando expressa a presença marcante da figura de José Honório Rodrigues e de seus textos, a contar: *Teoria da História do Brasil* (1949) e *Pesquisa Histórica no Brasil* (1952), ao lado de *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês* (1949), *Notícia de Vária História* (1951), *Historiografia del Brasil, siglo XVI* (1957) e *Historiografia del Brasil, siglo XVII* (1963), *História e Historiadores do Brasil* (1965), culminando em *História da História do Brasil* (1978;1979). Nestes termos, a interpretação de Lapa aproxima-se da de Iglesias, uma vez que ele demonstra em números o destaque de José Honório frente às preocupações teóricas e historiográficas do conhecimento histórico.

Esta consideração oferecida por Lapa e Iglesias corroboram para a imagem de José Honório como um pioneiro nos estudos teóricos e historiográficos da História. Interrogar o que significou este projeto teórico e o conceito de teoria da

história em *Teoria da História do Brasil* é um dos elementos centrais da forma como venho investigando a obra de José Honório Rodrigues. Para esta comunicação tenho a intenção apenas de expor a problemática que compõe as reflexões gerais do desenvolvimento do trabalho de dissertação que se encontra em andamento. Para tanto, faz-se necessária aqui uma retomada de aspectos biográficos que circundam a produção de José Honório Rodrigues.

Nascido na Rua do Catete no Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 1913, José Honório cursou direito na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1933, e depois na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Segundo Lêda Boechat, entre os anos de 1937 e 1969 alguns momentos marcaram a “biografia” de Rodrigues. A bolsa de estudos da Fundação Rockefeller (1943-1944), a bolsa do Conselho Britânico, em março de 1950, e o curso da Escola Superior de Guerra, em 1955. Seu orientador, nos EUA, indicado pela concessão da bolsa, foi o professor Frank Tennembaum, que ministrava cursos de História da América na Universidade de Columbia e Nova York. Por conselho de seu orientador, matriculou-se na disciplina de Introdução à História (BOECHAT RODRIGUES, 1994, p.19).

Devido a tais acontecimentos, ao voltar para o Brasil em 1944, Rodrigues desejava empreender um projeto bibliográfico, apontando para a carência de estudos teóricos e a falta de disciplinas na universidade brasileira que disponibilizassem uma formação teórica para o historiador. É neste ínterim que vêm à luz, em 1949, *Teoria da História do Brasil*, e, em 1952, *Pesquisa Histórica do Brasil*.

Desejava, dentro do mesmo projeto, uma *História da História do Brasil* que só sairia incompleta, em 1978-1979, sendo publicados dois volumes, o segundo dividido em dois tomos. Porém, no fim dos anos 1950 e início dos 1960, uma prévia destas discussões saíam publicadas no México, por iniciativas do Instituto Pan-americano de Geografia e História. Tais projetos bibliográficos marcariam uma chamada de atenção para a renovação dos estudos históricos no Brasil, uma vez que por meio de tais trabalhos José Honório diagnosticava as faltas bibliográficas da produção brasileira, aludindo horizontes para a disciplina da História e para a formação de um campo de estudos especializados.

No ano de 1955, ministrou cursos na Escola superior de Guerra. O tema dos cursos girava em torno de um “caráter nacional”. É desta experiência que vem à luz

Aspirações Nacionais: Interpretação Histórico-Política, fase inaugurada e que teria seqüência em *Conciliação e Reforma*, em 1956, de uma postura histórico-interpretativa, como aponta Lêda Boechat (BOECHAT RODRIGUES, 1994, p.25).

José Honório deu aulas em algumas universidades, não chegando a fazer carreira universitária, ao realizar pequenas incursões ou intervenções de magistério pontual na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, na Faculdade de Ciências Econômicas do Estado da Guanabara e na Universidade de Brasília. Foi também professor visitante na Universidade do Texas, em Austin, entre os anos de 1963/1964 e 1966, bem como na Universidade de Columbia, em Nova York, em 1970. O cargo mais importante, como nota Iglesias, foi como Diretor do Arquivo Nacional entre 1958 e 1964 (IGLESIAS, 2009, p.174).

No dia 22 de maio de 1986, um derrame cerebral o deixou paralítico e sem fala até sua morte, em 6 de abril de 1987 (BOECHAT RODRIGUES, 1994, p.25).

Nos anos 1940, havia publicado alguns textos que já ensejavam uma atitude reflexiva perante a Historiografia Brasileira. São eles: *Historiografia brasileira em 1945*; *Historiografia Brasileira em 1946*; *Historiografia Pernambucana*; *Historiografia Cearense*; *Rodolfo Garcia e Afonso Taunay*; *História e Atualidade* (RODRIGUES, 1951). Por meio destes textos, lança luz a uma vontade que o acompanharia ao longo de sua trajetória, pois indica modos de ler e refletir que estarão presentes em seus textos dos anos 1950-1960, como também nas publicações de 1978-79. Não quero, com tal afirmação, sustentar que se trata de uma obra que se fecha em si mesma, caindo em uma leitura teleológica, em que os textos de 1940 teriam seu fim em 1978-79. Contudo, o que o torna interessante é que, por meio de uma visão geral, pode-se afirmar que sempre fora sua preocupação a de refletir e historiar a produção historiográfica brasileira. Principalmente, no que toca *Teoria da História do Brasil e Pesquisa Histórica do Brasil*.

Teoria da História do Brasil, como seu primeiro grande livro dedicado às questões teóricas e historiográficas, postulava-se como um intento de seu projeto de renovação. Um dos modos de se ler THB pode ser a identificação deste projeto como parte de uma renovação dos estudos históricos no Brasil, culminando na reunião e sistematização de ideias e leituras frente à História. Esta será uma das hipóteses que tentarei apresentar ao longo do trabalho.

Os problemas levantados por José Honório, e que integram *Teoria da História do Brasil*, não eram uma novidade aos historiadores brasileiros, uma vez que tais discussões já aparecem em publicações de meados do século XIX e início do XX. No entanto, o que torna o empreendimento de Rodrigues significativo é a convergência desta multiplicidade de discussões em problemas sobre os quais os historiadores teriam que se debruçar. A escrita da história e as discussões desenvolvidas no IHGB, em meados do século XIX, já suscitavam, ainda que dispersas, tentativas de operacionalizar uma reflexão teórica sobre uma história nacional. Vale citar Januário da Cunha Barbosa e seu *Discurso no Ato de estatuir-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, de 1938, que apontava as expectativas em relação à criação do Instituto e, conseqüentemente, em relação à escrita de uma história do Brasil. Do mesmo modo, tem-se a dissertação ganhadora do concurso realizado pelo IHGB, de Karl F. P. von Martius intitulada *Como se deve escrever a história do Brasil* que disponibilizava um modelo para a escrita da história. Ainda, em relação à organização dos documentos históricos, encontra-se o ensaio de Rodrigo de Souza da Silva Pontes intitulado *Quais os meios de que se deve lançar mão para obter o maior número possível de documentos relativos à história do Brasil*, de 1840.

Ao lado destes trabalhos, que tematizam o melhor modo de se escrever a história pátria, questões de análise historiográfica, história da historiografia, problemas de filosofia da história e epistemologia também não eram novidades. Assim, é possível identificá-las no trabalho de João Capistrano de Abreu, em seu *Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen*, de 1878, que já apontava diagnósticos sobre a escrita da história do Brasil, a partir de Varnhagen, bem como projetava uma série de expectativas a respeito do conhecimento histórico nacional. Quarenta e oito anos depois, Alcides Bezerra, em *Os historiadores do Brasil no século XIX*, e Manoel Bomfim, em *Os que fizeram a história do Brasil* (1930), podem ser colocados sob uma mesma perspectiva, ainda que as suas intenções fossem distintas, sendo esta a de ensejar uma escrita da história da historiografia ou a de refletir a respeito das histórias escritas por historiadores.

Discussões que tocam a cientificidade, as características do conhecimento histórico e a filosofia da história, também aparecem neste período, e podem ser identificadas pela escrita de Silvio Romero, Pedro Lessa, Rocha Pombo, Oliveira Vianna, e em certa medida, Afonso Taunay. Estes autores elaboram, cada qual

dentro de sua contingência, reflexões sobre o modo como entendiam o conhecimento histórico, entre características e caracterizações, oferecendo ao leitor uma série de expectativas a respeito deste conhecimento, como também, propunham leituras sobre a escrita da história. Logo, estas discussões oferecem modos difusos de interpretar *Teoria da História do Brasil*, uma vez que levam a uma percepção polissêmica dos possíveis significados de *Teoria da História*.

Portanto, a motivação pela escolha de *Teoria da História do Brasil* como corpus de análise deveu-se a peculiaridade da obra, expressa pela pretensão de possibilitar uma reflexão teórica acerca do fazer historiográfico enquanto um agrupamento de todas as questões propostas pelos autores já citados. Apresentando como subtítulo “Introdução metodológica”, *Teoria da História do Brasil* é esboçada como um “guia”, um “manual”, que converge reflexões teóricas e epistemológicas, bem como asserções gerais sobre a natureza do conhecimento histórico e seus possíveis significados, repercutindo em problemas de filosofia da história (aqui tomada no sentido de reflexões que versam a respeito do processo histórico, seu sentido e desdobramentos do devir histórico), como também, elementos metodológicos da procedência prática do ofício.

Deste modo, THB coloca os historiadores defronte a três âmbitos de reflexões distintas – conhecimento histórico, filosofia da História e metodologia histórica –, mas que passam a ser decisivos na definição de uma identidade historiadora e na prática historiográfica. Aos historiadores, segundo o projeto de Rodrigues, questões de epistemologia, filosofia da história e metodologia da história parecem potencializar uma reflexão concomitante sobre o nome de *Teoria da História*.

A fim de traçar o caminho proposto para este trabalho, parte-se da organização dos capítulos feita por Rodrigues, a qual, de imediato, possibilita uma construção interpretativa sobre a narrativa de THB. Ordenado em dezoito capítulos na primeira edição, os três primeiros apontam para uma avaliação das hipóteses que constituem a visão epistemológica do conhecimento histórico. Segundo o índice:

Capítulo 1. *Significação dos estudos históricos*. A História como fator educativo, como meio de compreensão do presente, como catarse ou libertação. A história e a política externa. Capítulo 2. *A palavra história*. Desenvolvimento da ideia de história. História narrativa, pragmática, científica. Capítulo 3. *A História como ciência*. Naturalismo e historicismo. Widelband. Dilthey. Rickert. A teoria dos valores. Eduardo Meyer e a teoria da eficácia histórica. Xenopol e o conceito de série. A história como estudo dos fatos individuais, particulares e irreversíveis. (RODRIGUES, 1949, s/p).

Uma questão fundamental que emerge do primeiro contato com tais capítulos seria: para Rodrigues, a história é um campo autônomo do conhecimento? E em decorrência desta questão e a complementando, ainda é possível indagar-se: existiriam princípios orientadores e ordenadores deste campo?

Os capítulos subsequentes parecem versar a respeito do que chamo de “filosofia da história”, ou seja, tratam de questões que perpassam a reflexão do processo histórico e do sentido do mesmo, repercutindo em problemas de periodização da História, causalidade, atribuição de leis históricas, pressupostos científicos do conhecimento histórico, como também da divisão dos diferentes tipos e características de escrita da história.

Capítulo 4. *A causalidade histórica*. Capítulo 5. *A periodização*. Periodização na história universal. Periodização políticas, filosóficas, ideológicas e sociológico-institucionais. Ciclos de geração. Origem de certas denominações de períodos. Capítulo 6. *A periodização na História do Brasil*. Januário da Cunha Barbosa. Cunha Matos. Abreu e Lima. Diretrizes metodológicas de Martius. Francisco Adolfo de Varnhagen. Capistrano de Abreu. João Ribeiro. Oliveira Lima. Padiá Cológenas. Capítulo 7. *Diversos tipos de história*. Os especialistas de períodos e o de matéria. História delimitada no espaço. Os tipos de história na História do Brasil. Geral ou civil. História das Instituições políticas. Historiografia econômica. História diplomática. Historiografia militar. Historiografia naval. História eclesiástica. História científica. História da Educação. História da Imprensa. História territorial e regional. A biografia (RODRIGUES, 1949, s/p).

Sequenciando a apresentação geral de *Teoria da História do Brasil*, o terceiro conjunto de reflexões que me proponho a analisar diz respeito a uma metodologia da história. Os dez capítulos subsequentes ao capítulo 7 indicam um “discurso” sobre o método, ou seja, não se trata apenas de um “como fazer”, mas uma reflexão teórica que ordena este “como” e o justifica, suscitando elementos que o legitimam.

Capítulo 8. *Certeza Histórica*. Sua natureza. Processo histórico e processo judiciário. A prova Histórica. Capítulo 9. *A metodologia histórica*. História da metodologia histórica. Evolução do ensino de metodologia histórica. Criação da cadeira de Introdução aos Estudos da História. Capítulo 10. *Fontes*. A pesquisa histórica; seus problemas. Divisão das fontes. Espécies de fontes. Documentos perdidos. Coleções de fontes. Bibliografia de fontes. Capítulo 11. *Disciplinas Auxiliares da História (1)*. Diplomática e Paleografia. Epigrafia. Sigilografia. Heráldica. Genealogia. Numismática. Cronologia. Bibliografia. Capítulo 12. *Disciplinas Auxiliares da História (2)*. Cartografia. A cartografia dos séculos XVI aos XX. A cartografia como instrumento de delimitação de fronteiras e títulos de posse. A cartografia nas questões de limites do Brasil com a Argentina, a França e a Grã-Bretanha. Capítulo 13. *Crítica Histórica*. A posição de Alexandre-Herculano e F. A. Varnhagem. Princípios da Crítica. Determinação das datas. Capítulo 14. *Forgicação*.

Teoria da Falsidade. Exemplos de forgicação. Carta de Toscanelli. Exemplos brasileiros de forgicação. As “Cartas Falsas”. Capítulo 15. *Crítica de atribuição*. A crítica de atribuição na historiografia brasileira. “Relação do piloto anônimo”. As obras de Fernão Cardim. A prosopopeia. *Diálogos das Grandezas do Brasil. Cultura e opulência do Brasil. História do Brasil* de John Armitage. Estudos sobre Caxias. Casos de autoria ainda discutidos. *A Arte de furta. Cartas Chilenas*. Capítulo 16. *Crítica de textos*. Filiação dos manuscritos. Edição crítica em geral e em Portugal. Edições críticas no Brasil. *Diário da Navegação* de Pedro Lopez de Souza. As obras de Fernão Cardim. *Diálogos das Grandezas do Brasil. História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador. Historiografia das Minas. História Geral do Brasil de Francisco Adolfo de Varnhagen. Edições indignas de apreço. Capítulo 17. *Crítica interna*. O autor e o valor do testemunho. O testemunho único. O testemunho controlado e incontrolado. O *argumentum ex silentio*. Credibilidade de fontes específicas. 1. Autobiografias (Diário, Memórias). 2. Cartas; 3. Jornais; 4. Relatos de Viajantes (RODRIGUES, 1949, s/p).

Ao lado dos pressupostos epistemológicos e das questões de filosofia da história, as questões de metodologia, para além de indicar como Rodrigues compreendia e interpretava o trabalho histórico, parecem levantar uma tópica de problemas, uma vez que indicam a amplitude das questões que os historiadores têm de enfrentar ao pensar e fazer historiografia. Porém, qual é o “sentido” deste trabalho enquanto prática? Como caracterizar o quadro metodológico em José Honório Rodrigues? Pode-se falar em uma deontologia do trabalho histórico? Perguntas que serão respondidas ao longo do trabalho.

Para finalizar, o último capítulo sintetiza o plano de THB, apresentando o feixe necessário para a sua leitura, pois parece convergir num trabalho teórico sobre a própria teoria e sobre os sentidos interpretativos da mesma: “Capítulo 18. *A compreensão e a síntese históricas*. Interpretação. Teorias interpretativas. A análise histórica. Crise do pensamento histórico. Tarefa científica da história” (RODRIGUES, 1949, s/p).

Esta divisão esquemática em três âmbitos de reflexões distintas – conhecimento histórico, filosofia da História e metodologia histórica – em *Teoria da História do Brasil*, serve-me apenas para enunciar o problema, uma vez que constitui uma generalização, localizando diferentes concepções que caminham lado a lado. Nestes termos, tenho clareza de que a construção de um sentido da noção de *Teoria da História* em *Teoria da História do Brasil* abarca uma complexidade de sentidos, entre problemas, questões e reflexões. A regularidade evidente nestes três âmbitos de reflexões se faz necessária, visto que possibilita entender o porquê da

reunião dos mesmos em uma só obra sob o nome de *Teoria da História*, e, ao mesmo tempo, perguntar-se o que legitima tal divisão e quais os elementos que levam a oferecer este agrupamento interpretativo.

O que se percebe é que as iniciativas de Rodrigues na escrita de uma *Teoria da História do Brasil* justificavam-se pela lacuna bibliográfica e editorial de estudos teóricos e metodológicos sistemáticos a respeito da História no Brasil e a inexistência de uma disciplina nos meios universitários brasileiros que contemplasse tais discussões (RODRIGUES, 1949, p, VII).

Nestes termos, o projeto de Rodrigues, junto as suas reflexões teóricas, metodológicas e epistemológicas sobre o ofício do historiador, sintetiza o modo como ele lia e diagnosticava a transformação da Historiografia Brasileira. Segundo Freixo, esta “leitura” inaugura uma versão científica da História do Brasil. Em suas palavras:

[...] o plano original de *Teoria...* (1949), apresenta, em diferentes seções, elementos de como Rodrigues sistematizava sua leitura para a evolução da historiografia no Brasil. As várias etapas dessa evolução, como ele as entendia, conduziam a uma “nova síntese”, entre teorias e métodos, que inaugurariam sua versão científica para a História no Brasil (FREIXO, 2012, p.35).

Esta interpretação de uma versão científica em Rodrigues, da História do Brasil, por meio de *Teoria da História do Brasil*, incide na ideia da profissionalização dos historiadores, como também, na especialização dos estudos históricos.

Portanto, o problema que se expõe constitui-se em torno da historicidade da noção de *teoria da história* em *Teoria da História do Brasil*. A significação do sentido de *Teoria da História* para Honório Rodrigues, bem como as tópicas oferecidas aos historiadores por meio da significação de tal noção, culmina em uma identidade historiadora que tem como princípio questões de teoria, historiografia, filosofia da história e metodologia. Estas questões convergem para uma polissemia de significados a respeito da Teoria da História acenando para uma concepção de prática historiográfica.

Referência Bibliográfica

ABREU, João Capistrano de. Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. In; NICOLAZZI, Fernando (org.). *Fontes para o estudo da História da Historiografia Brasileira: O Alvorecer da República (1870-1930)*. No prelo.

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso no ato de estatuir-se o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de Fontes de historiografia Brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BEZERRA, Alcides. Os Historiadores do Brasil no século XIX. In; NICOLAZZI, Fernando (org.). *Fontes para o estudo da História da Historiografia Brasileira: O Alvorecer da República (1870-1930)*. No prelo.

BOMFIM, Manoel. Os que fizeram a história do Brasil. In; NICOLAZZI, Fernando (org.). *Fontes para o estudo da História da Historiografia Brasileira: O Alvorecer da República (1870-1930)*. No prelo.

FREIXO, Andre de Lemos. *A Arquitetura do novo: ciência e história da História do Brasil em José Honório Rodrigues* (Rio de Janeiro, 2012) Rio de Janeiro, 2012, 417 f. Tese (Doutorado em História – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012).

IGLÉSIAS, Francisco. *História e Literatura*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

LAPA, José Roberto do Amaral. *A Historiografia Brasileira Contemporânea: A História em Questão*. Editora Vozes: Petrópolis, 1981.

LESSA, Pedro. Reflexões sobre o conceito de história. In; NICOLAZZI, Fernando (org.). *Fontes para o estudo da História da Historiografia Brasileira: O Alvorecer da República (1870-1930)*. No prelo. Texto originalmente publicado em 1900.

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José de. O valor pragmático do estudo do passado. In; NICOLAZZI, Fernando (org.). *Fontes para o estudo da História da Historiografia Brasileira: O Alvorecer da República (1870-1930)*. No prelo. Texto originalmente publicado em 1924.

ROCHA POMBO, José da. Prefácio à História do Brasil, Ilustrada. In; NICOLAZZI, Fernando (org.). *Fontes para o estudo da História da Historiografia Brasileira: O Alvorecer da República (1870-1930)*. No prelo. Texto publicado originalmente em 1905.

RODRIGUES, José Honório. *História da História do Brasil: a historiografia colonial*. São Paulo: Companhia Nacional, 1979.

RODRIGUES, José Honório. *História e Historiadores do Brasil*. São Paulo: Fugor, 1965.

RODRIGUES, José Honório. *Historiografia del Brazil, siglo XVI*. México: IPHG, 1957.

RODRIGUES, José Honório. *Historiografia del Brazil, siglo XVII*. México: IPGH, 1963.

RODRIGUES, José Honório. *Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/INL, 1949.

RODRIGUES, José Honório. *Notícia de Varia História*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

RODRIGUES, José Honório. *Notícia de Varia História*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1951.

RODRIGUES, José Honório. *Pesquisa Histórica no Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/INL, 1952.

RODRIGUES, José Honório. *Teoria da História do Brasil: Introdução metodológica*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.

RODRIGUES, Lêda B. *José Honório Rodrigues: um historiador na trincheira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

ROMERO, Silvio. Interpretações filosóficas as na evolução dos fatos históricos. In; NICOLAZZI, Fernando (org.). *Fontes para o estudo da História da Historiografia Brasileira: O Alvorecer da República (1870-1930)*. No prelo. Texto publicado originalmente em 1880.

SILVA PONTES, Rodrigo de Souza. Quais os meios de que se deve lançar mãos para obter o maior número possível de documentos relativos à história e geografia do Brasil? In:

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de Fontes de historiografia Brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERG, 2010.

TAUNAY, Afonso. A propósito do curso de História da Civilização Brasileira. In; NICOLAZZI, Fernando (org.). *Fontes para o estudo da História da Historiografia Brasileira: O Alvorecer da República (1870-1930)*. No prelo. Texto originalmente publicado em 1937.

VON MARTIUS, Karl Friederich P. Como se deve escrever a história do Brasil. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. *Livro de Fontes de historiografia Brasileira*. Rio de Janeiro: EDUERG, 2010.